

dossiê

## **Dr. Walter Anthony Rodney: o Angelin subtraído em pleno vigor vitalício**

### **Dr. Walter Rodney: the subtracted Angelin in full life vigor**

**Alcides José Delgado Lopes<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Vale do São Francisco, Colegiado de Antropologia do Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. E-mail: alcides.lopes@univasf.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1371-9631>.

Submetido em 07/12/2022.

Aceito em 15/12/2022.

#### **Como citar este trabalho**

LOPES, Alcides José Delgado. Dr. Walter Anthony Rodney: o Angelin subtraído em pleno vigor vitalício. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2023, Brasília, p. 453-472.

**insurgência**

*InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais* | v. 9 | n. 1 | jan./jun. 2023 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

## Dr. Walter Anthony Rodney: o Angelin subtraído em pleno vigor vitalício

### Resumo

Em 1980, o proeminente intelectual e ativista político dedicado às lutas, movimentos sociais e direitos humanos das Américas e do Caribe foi vítima de um atentado à bomba que ceifou a sua vida e privou a humanidade de um dos historiadores mais brilhantes do seu tempo. Por 40 anos, a sua morte foi silenciada. Contudo, desde 2020, a Assembleia Nacional da Guiana aceitou as conclusões da comissão de inquérito sobre o assassinato, através das quais se concluiu que o governo organizou o assassinio perpetrado por um militar da Força de Defesa. Temos evidências de que o assassinato de Rodney foi organizado pelo Estado da Guiana. Este feito espoletou um processo de restauração do registro público sobre a sua morte, o cultivo de formas de honrar formalmente a sua vida e o seu legado.

### Palavras-chave

Intelectual negro; ativista antirracista; assassinato político; restauração; legado.

### Abstract

In 1980, the prominent intellectual and political activist dedicated to the struggles, social movements and human rights in the Americas and the Caribbean was the victim of a bomb attack that took his life and deprived humanity of one of the most brilliant historians of his time. For 40 years, his death was silenced. However, since 2020, the Guyana National Assembly has accepted the findings of the commission of inquiry into the assassination, by which it was concluded that the government organized the assassination perpetrated by a serviceman of the Defence Force. We have evidence that Rodney's murder was organized by the State of Guyana. This achievement has triggered a process of restoring the public record on his death, the cultivation of ways to formally honour his life and legacy.

### Keywords

Black academic; anti racist activist; political assassination; restoration; legacy.

*Eu costumo dizer para os meus filhos: o vosso pai não nos deixou nenhum dinheiro, mas, deixou-nos um legado que nenhum dinheiro no mundo poderia comprar. Ele deixou-nos um sistema de valor e princípios que nunca pode ser comprado.*  
Patricia Rodney.

## Introdução

Walter Anthony Rodney nasceu em uma família da classe trabalhadora na cidade de Georgetown, capital da então Guiana Britânica. Desde muito jovem destacou-se como um aluno brilhante e atleta vigoroso, o que lhe rendeu bolsas de estudos. Inicialmente, na *Queen's College*, uma escola secundária estadual seletiva e, posteriormente, na Universidade das Índias Ocidentais na Jamaica, onde graduou-se em História com distinção e ganhou o prêmio da Faculdade de Artes em 1963. Rodney cursou o doutorado na Escola de Estudos Orientais e Africanos em

Londres. Em 1966, obteve seu título de Doutor em História Africana, com apenas 24 anos de idade.

Aos 38 anos de idade, quando foi assassinado, o acadêmico e ativista político Dr. Walter Rodney já era um autor internacionalmente reconhecido, com vários livros e um número considerável de artigos científicos publicados. A sua pesquisa versa, principalmente, sobre os efeitos devastadores que os processos de escravidão, imperialismo e colonialismo europeus perpetraram nas mais diversas regiões do continente africano e do Caribe.

Neste contexto, as suas análises críticas permeiam as causas e determinam os efeitos continuados das estratégias de dominação e das teorias de violências que têm minado o progresso e o envolvimento dos mais variados governos neocoloniais, que conquistaram suas independências a partir da segunda metade do século XX, na emancipação socioeconômica das contingências populacionais mais vulnerabilizadas. A partir de uma abordagem fundamentada na ideologia marxista, Rodney foca nas classes trabalhadoras, criticando, deste modo, o capitalismo devido a sua promoção do individualismo em detrimento dos esforços cooperativos das comunidades humanas. De acordo com a Dra. Mary E. Curry, no texto “A Brief Biography of Walter Rodney” publicado online no portal *National Security Archive* (NSARCHIVE.GWU.EDU), através de uma combinação de análises políticas e econômicas com pesquisa arquivística, Rodney demonstra como o colonialismo promove desigualdades, divisões étnico raciais e de que modo o neocolonialismo perpetua uma diversidade de efeitos nefastos.

Neste texto, debruço-me sobre a trajetória, abruptamente interrompida, de um dos historiadores e ativistas políticos anticolonialistas mais relevantes para a luta decolonial contemporânea que se propõe empreender a partir da América Latina. Nesta esteira, coloco o “dedo na ferida” para depreender as diversas formas de ausência e os silenciamentos que a obra de Rodney entesta nas diferentes dimensões, nichos e fímbrias por onde se constroem as lutas antirracistas e decoloniais referentes às diversas regiões do Sul Global. Enumero e apresento brevemente alguns dos livros publicados sob a sua autoria, me reservando a uma resenha mais abrangente da sua tese de doutorado *A History of the Upper Guinea Coast 1545 to 1800*, publicado pela Oxford University Press em 1970. Finalmente, apresento, de forma sucinta, informações contidas no “Quadro de Documentos da Embaixada dos EUA” em Georgetown, Guiana, resultado das diligências para responder aos questionamentos sobre a morte de um acadêmico e ativista político em 1980, bem como, relatos de amigos e parentes sobre o episódio que mudou os rumos das suas vidas e, no processo, deixou ensinamentos incontornáveis.

## 1 O “dedo na ferida”

Atualmente, no Brasil, o mês de novembro é comemorado como o Mês da Consciência Negra. A data 20 de novembro foi instituída como o Dia de Zumbi<sup>1</sup> em 1971 pelo Movimento Negro e formalizada oficialmente, como efeméride no calendário escolar, desde 2003. Posteriormente, em 2011, foi instituída como data comemorativa celebrada em mais de mil cidades do país.

Neste ano de 2022, na qualidade de professor do Colegiado de Antropologia no Campus Serra da Capivara, UNIVASF, São Raimundo Nonato, no Estado do Piauí, fui convidado para compor uma mesa redonda sob a temática *Negritudes: Desconstruindo para o Amanhã* no Instituto Federal Técnico do Piauí (IFPI), situado na mesma cidade. O evento integrou a agenda do Mês da Consciência Negra realizada em algumas instituições de ensino e pesquisa do estado. Uma das oradoras, a professora Dra. Cristiane Marcelo, professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), iniciou a sua fala perguntando às pessoas na plateia – alunos, professores e funcionários – quem conhecia escritoras e escritores negros: o silêncio que se seguiu falou por si.

A apresentação da Dra. Marcelo versou sobre a sua própria descoberta tardia de obras literárias de autoras negras e foi acompanhada por uma lista exemplar de escritoras extremamente relevantes para a história do feminismo negro, bem como, para as abordagens antirracistas, mormente, nos espaços e instituições de ensino médio e superior. Adicionalmente, foi realizado um sorteio que premiou alguns discentes presentes no auditório com vários livros.

O caso descrito acima ressoa na temática abordada pela pesquisadora e professora da Universidade do Estado de Ohio, EUA, Dra. Stephanie Power-Carter no seu artigo “Re-Theorizing Silence(s)”, publicado no dossiê *Trabalhos em Linguística Aplicada*, UNICAMP, em 2020. No referido artigo, a autora descreve “um caso etnográfico revelador” que caracteriza os aspectos da complexidade relacionados com a teorização do silêncio e outros processos reflexivos que proporcionam oportunidades para o desempacotamento e a teorização do silêncio, através da articulação da “trilogia do silêncio” (POWER-CARTER, 2020, p. 99-128).

Um caso etnográfico revelador (*a telling case*), de acordo com o sociólogo James Clyde Mitchel (1984), refere-se a uma circunstância particular na qual relações teóricas previamente ocultas emergem. Esta situação é paradigmática nos casos que envolvem autoras e autores cujas identidades raciais e de gênero se confrontam com ambientes acadêmicos permeados por perspectivas eurocêntricas. Tal é o caso

<sup>1</sup> Zumbi, também conhecido como Zumbi dos Palmares, foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial.

do silêncio ensurdecedor que se estabeleceu após a questão da Dra. Marcelo, como também, é o caso do silenciamento e das ausências múltiplas impostas à obra do historiador Walter Rodney, não apenas, na academia brasileira. Não obstante, quando ousamos questionar a natureza dinâmica dos silenciamentos, percebemos que o silêncio não é sempre um espaço vazio, antes é um espaço que se revela propício para ricas conversações e agências, seja nas abordagens decoloniais e antirracistas, ou nas teorias feministas negras e sociolinguísticas, através das quais as performances da corporalidade e linguística desempenham papéis cruciais na construção e empoderamento das identidades (ver LOPES, 2016; 2020).

Com base nos trabalhos desenvolvidos a partir das correntes mencionadas acima, tomo a minha própria experiência acadêmica como exemplo e, a partir de uma abordagem analítica que se engaja com a virada reflexiva, procuro determinar quais estratégias são mais adequadas para a negociação dos silêncios nos espaços de produção de conhecimento? E, como, na qualidade de acadêmico negro africano, portanto, estrangeiro no Brasil, posso organizar tal negociação da melhor forma?

A trilogia – silêncio, silenciamento e silenciado – age como uma atmosfera através da qual ativistas políticos, intelectuais negras e negros antirracistas e de gênero – decoloniais – precisam aprender a navegar entre camadas de gases tóxicos que envolvem a esfera moderna/colonial da cosmologia epistemológica ocidental e as distinções unilaterais, com diferentes disfarces e máscaras, operadas entre *humanitas* e *anthropos* que previnem o cultivo da hermenêutica pluritópica (TLOSTANOVA; MIGNOLO, 2009). Neste sentido, esta atmosfera fortalece as forças nocivas dos racismos estrutural, estruturante e retroativo que se abatem sistematicamente sobre as sociedades ocidentais contemporâneas.

Assim, é com frequência que vemos intelectuais negras e negros sendo marginalizados e isolados em espaços acadêmicos reduzidos, impedindo assim o desempacotamento completo e a captação das opções reflexivas, recursivas e dos processos iterativos. Neste contexto, resta-nos o engajamento como iniciados nas comunidades vulnerabilizadas que estudamos, para assim tratarmos e, em colaboração comunitária, sanar as infecções e inflamações da ferida colonial, promovendo a sua cicatrização de dentro para fora. Não podemos, contudo, afirmar que as lutas através das quais navegamos para a desconstrução das camadas subjacentes à trilogia do silêncio têm sido em vão, ou foram sempre locais.

A breve, mas profícua, trajetória do Dr. Rodney aponta para uma alternativa a partir da sua formulação de um conceito original de desenvolvimento e uma interpretação singular dos processos históricos, como destaca Matheus Gato em um artigo de apresentação da primeira edição em português da obra mais famosa do saudoso intelectual e ativista político *Como a Europa subdesenvolveu a África* (*How Europe underdeveloped Africa*, [1972]), publicado pela Blog da Boitempo, no último dia 29 de novembro de 2022.

## 2 O conturbado ativismo político, a brilhante trajetória acadêmica e as obras científicas mais importantes do Dr. Rodney

Tão logo o acadêmico Walter Rodney concluiu seu doutoramento em História Africana, na Escola dos Estudos Orientais e Africanos em Londres, no ano de 1966, viajou para o leste do continente africano onde assumiu uma posição de docência na Universidade de Dar es Salaam, na Tanzânia, onde permaneceu por um ano. Durante o ano de 1968, Rodney retornou ao Caribe e ocupou um cargo na Universidade West Indies, em Mona, na Jamaica. Ali, chamou a atenção dos agentes de segurança do então governo jamaicano<sup>2</sup> devido às suas reuniões com grupos integrantes das classes trabalhadoras, incluindo os Rastafaris, considerados uma seita antigoverno naqueles dias.

Walter Rodney expandiu as suas amizades e construiu lealdades para além do campus universitário. Começou a criticar as elites da classe média jamaicana e o governo vigente, por ignorarem a sua grande população de pobres e desprivilegiados, naquela sociedade. As narrativas oficiais classificaram as suas atividades como subversivas. Na sequência, medidas foram tomadas pelo governo, as quais vetaram o seu reingresso no país, após ele ter viajado ao Canadá para participar de um congresso. O banimento de Walter Rodney daquela universidade desencadeou uma série de revoltas populares, conhecidas como os motins de Rodney (*Rodney Riots*) que, por sua vez, visibilizou a sua notoriedade, apesar de ele ter lecionado naquele país por um período inferior a um ano. Destes episódios resultou seu primeiro livro intitulado *The Groundings with My Brothers* (1969), o qual contém três discursos proferidos por Rodney durante aqueles anos sobre os processos de descolonização e do Poder Negro.

O movimento *Black Power* (Poder Negro) irrompe na consciência popular da região do Caribe a partir dos eventos conhecidos como *Rodney Riots*, em Kingston, Jamaica. As insurreições urbanas se intensificaram depois que as forças policiais atacaram os estudantes universitários. Em reação à agitação, o governo do Partido Trabalhista jamaicano destacou unidades militares e colocou o Campus de Mona da Universidade West Indies sob estado de sítio por um período de dez dias. De acordo com Ben Gowland (2022), os motins de Rodney elevaram a consciência política em torno do Poder Negro na Jamaica e no Caribe em geral. Este episódio funcionou como um fermento político que alimentou as publicações

<sup>2</sup> Em Agosto de 1962, inicia-se a época do autogoverno das Índias Ocidentais depois que a Jamaica e Trinidad e Tobago declaram a independência da Grã-Bretanha. Até 1970, Guiana e Barbados, conjuntamente com muitos dos territórios insulares menores do Caribe Oriental, seriam independentes, iniciando assim uma trajetória em direção aos processos de descolonização formal (BOWLAND, 2022).

jamaicanas da *Abeng*<sup>3</sup> em 1969. O movimento ganhou força e possibilitou a realização da Primeira Conferência Regional Internacional do Poder Negro (BPC), em Bermuda, evento que reuniu participantes alinhados do mundo inteiro. Igualmente, favoreceu os grandes protestos que aconteceram em Trinidad de fevereiro a maio de 1970, conhecidos como a Revolução do Poder Negro, contidos pelas manobras dos navios de guerra e os fuzileiros navais dos EUA que ancoraram ao largo da costa.

A Grã-Bretanha também esteve implicada na repressão do Poder Negro no Caribe. A sua intervenção deve ser compreendida com relação às operações domésticas de policiamento e inteligência no Reino Unido, no que tange as dinâmicas transnacionais de repressão dos estados contra os grupos revolucionários. Neste contexto, a repressão do Poder Negro pelo império britânico teve motivações desde bases ideológicas, na medida em que ficou explícito que as independências haviam sido vergonhosamente invalidadas pela corrupção perene que se instalou nos novos governos pós-coloniais. Por conseguinte, Rodney inferia que o Poder Negro no Caribe estava relacionado com três aspectos básicos: 1) a ruptura com o imperialismo historicamente racista e supremacista branco; 2) a tomada do poder pelas massas populares nas ilhas; e 3) a reconstrução cultural da sociedade à imagem dos Negros.

Portanto, Walter Rodney (1969) interpreta o Poder Negro como a solução para superar o fracasso do estabelecimento das políticas nacionalistas no Caribe. Argumenta que as independências falharam em romper com os vínculos transnacionais do imperialismo branco racista; falharam, igualmente, em construir um poder político-econômico para as massas populares racializadas da região; e, sobretudo, falharam na reavaliação das normas sociais e culturais que subalternizavam a negritude e enalteciam a branquitude.

Nesta esteira, Dr. Rodney denunciou a super exploração da força de trabalho negra; as políticas externas à favor do imperialismo, incluindo a exploração da mão de obra migrante nas metrópoles europeias; a repressão transnacional do movimento negro; a continuada dominância do capital metropolitano nos países recém libertados que minava as soberanias nacionais; a apropriação ilegal das terras aráveis por companhias e corporações estrangeiras; a perpetuação das relações coloniais e da exploração racial; e demonstrou que a situação perdurava

<sup>3</sup> O jornal *Abeng* foi publicado durante nove meses em 1969 e no seu auge foram produzidos semanalmente 10.000 exemplares. O jornal procurou dar voz às experiências e desejos da empobrecida massa populacional negra da Jamaica e, simultaneamente, procurou galvanizar um movimento social e político a partir desta análise e uma política a partir das bases. Várias tendências teóricas e históricas passaram pelo jornal, nomeadamente: Rastafari, nacionalismo radical jamaicano, socialismo do "Terceiro Mundo" e tendências marxista-leninistas mais ortodoxas (excerto de uma nota de rodapé citada em BOWLAND, 2022, p. 34).

devido a corrupção endógena e ao papel estratégico da Grã-Bretanha na luta contra o movimento *Black Power*, através de uma atmosfera transnacional de vigilância, controle das mobilidades, repressão dos direitos à liberdade das comunidades negras em Grã-Bretanha através da propaganda e do racismo patrocinado pelo do sistema judicial britânico.

Ao ser banido da Jamaica em 1969, Rodney regressou à Universidade de Dar es Salaam onde trabalhou como professor até 1974. Durante aquele período, a sua tese de doutorado *A History of the Upper Guinea Coast 1545-1800* foi publicada em Londres pela Oxford University Press (1970). Dois anos mais tarde, a sua obra mais famosa (*magnum opus*), hoje com mais de 40 edições, *How Europe underdeveloped Africa*, foi igualmente publicada em Londres pela Bogle-L'Ouverture Publications (1972). Contudo, há muito a se conhecer ainda sobre o tempo em que Rodney lecionou na Tanzânia e os desafios enfrentados por aquela geração de intelectuais e acadêmicos na região leste do continente africano.

Em um artigo, publicado no site *Pambazuka News: voices dor freedom and justice* (PAMBAZUKA.ORG, 2013), Dr. Issa Shivji, o então presidente da Cátedra Mwalimu Julius Nyerere em Estudos Pan-Africanos, recorda a época em que ingressou na Universidade Dar es Salaam, em 1967. E recorda que, na época, a então Universidade do Leste da África foi palco de uma demonstração que se opunha às propostas do governo para impor o Serviço Nacional compulsório aos estudantes universitários. O acadêmico recorda que, na época, o governo Nyerere impunha um período de cinco meses de serviço compulsório nos acampamentos e, nos dezoito meses seguintes, 40% do salário era deduzido. Quando os estudantes se opuseram a estas medidas, o presidente os expulsou por um período de um ano.

Portanto, quando Walter Rodney chegou à universidade, como doutor recém-formado pela Escola de Estudos Orientais e Africanos de Londres, e foi contratado como jovem docente de história, ele encontrou um processo de reformulação das políticas universitárias em andamento. Em fevereiro de 1967, o partido no poder, a União Nacional Africana de Tanganica (TANU) emitiu a Declaração de Arusha e uma política de socialismo e autoconfiança. No processo, uma série de companhias que liderava a economia nacional foram nacionalizadas pelo governo, o que espoletou um novo debate na universidade. O acadêmico não consegue precisar se Rodney havia chegado antes ou depois das demonstrações, mas reitera que certamente ele participou dos eventos que se seguiram após a Declaração de Arusha.

Neste contexto, o jovem Rodney desempenhou papel importante na organização e realização de vários eventos acadêmicos. Dr. Shivji recorda que no campus aconteciam muitas discussões e debates dos quais Rodney participava ativamente. Recorda que, na época, havia um pequeno grupo de pessoas que integravam o Clube Socialista, do qual estudantes malauianos, ugandeses, etíopes e de outras

nacionalidades faziam parte. Entre 1967 e 1968, o Clube Socialista foi transformado na Frente Africana Revolucionária dos Estudantes Universitários (USARF). Esta ação partiu da iniciativa dos próprios estudantes e Walter Rodney era um dos poucos jovens docentes que se envolveram na mobilização, na qual não se ostentava nenhuma hierarquia entre estudantes e professores.

Aquela era uma época de forte militância estudantil e a criação de uma revista estudantil intitulada *Cheche* (um termo em Kiswahili que significa “faísca”) dependia de fortes lideranças tais como Yuweri Museveni, o atual presidente da Uganda, e várias outras personalidades. Aquela era uma revista estudantil de estilo fechado contendo muitos artigos e análises militantes não só da Tanzânia, mas também da situação mundial e do papel dos jovens na revolução africana. Na primeira edição o professor Dr. Rodney publicou, bem como o próprio Dr. Issa Shivji, na época, estudante e membro. A revista era muito apreciada por uma variedade de grupos de estudo e a sua circulação, rapidamente, alcançou âmbito internacional sendo seus artigos aguardados até nos EUA.

Durante a década de 1960, vivia-se um contexto internacional extremamente intenso. Era um período de revoluções de escala planetária. Vivia-se o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, a Guerra do Vietname, a qual, mobilizava jovens em todo o mundo. Havia as manifestações de estudantes franceses, os movimentos de libertação na África Austral, baseados em Dar es Salaam e fortemente apoiados por Mwalimu Nyerere. Era também uma época de grande volatilidades e disputas agonísticas considerando uma variedade de aspectos. Liam-se vários autores tais como Frantz Fanon, Kwame Nkrumah, Samir Amin, Paul Baran, Paul Sweezy, para além dos clássicos do marxismo. Muitas situações se evoluíram em contradições, como foi o exemplo de um seminário sobre a Juventude da África Central e Oriental. O artigo apresentado por Walter Rodney, naquele evento, incidia sobre os casos dos sequestros aéreos protagonizados pela Frente de Libertação Palestina. O ensaio tinha um perfil militante e criticava severamente os primeiros regimes independentes do continente, taxando-os como regimes reféns das pequenas burguesias que sequestravam a revolução. Se intitulava “The Briefcase Revolution” (A revolução das Maletas) e sugeria que os regimes não eram *de facto* independentes.

Segundo o Dr. Shivji, o artigo foi fortemente contestado por Nyerere e, no dia seguinte, foi publicado um extenso editorial que retribuía as fortes críticas ao Dr. Rodney, acusando-o de incitar a violência entre a juventude revolucionária. Acredita-se que o editorial foi escrito do próprio punho do presidente Nyerere. Eventualmente, Rodney redigiu uma carta na qual defendia e fundamentava seus pontos de vista. De forma sincera e aprazível, Walter agradeceu por lhe ter sido permitido viver e trabalhar na Tanzânia e justificou que quando falava do capitalismo e do neocolonialismo, desejava apenas falar daquele sistema que levou

os seus antepassados como escravos para outras partes do mundo, e estava então tentando estabelecer uma reconexão ao escrever sobre o sistema horrível que ainda prevalecia entre os africanos. Contudo, aquele abalo desempenhou papel importante na sua decisão de retornar ao Caribe, onde acreditava ter um papel mais orgânico e importante a cumprir.

Dr. Shivji é contundente ao afirmar que o seu mais famoso livro *How Europe underdeveloped Africa* (1972) foi escrito durante aquele período. E alerta:

Se olharmos para o prefácio desse livro, há duas pessoas a quem ele agradeceu pessoalmente pela leitura do manuscrito e ambas eram estudantes, Karim Hirji e Henry Mapolu. Essa foi a relação que tivemos com Walter. Museveni conhecia-o muito bem. Museveni era também um estudante de ciências políticas (PAMBAZUKA.ORG, 27 de junho de 2013).

As ilações aventadas sobre as causas que levaram Rodney a se ausentar da Tanzânia são desacreditadas pelo Dr. Shivji quem prontamente nos recorda que ele partiu em 1967, mas retornou um ano depois e permaneceu até 1974. Segundo o acadêmico, as motivações pela sua partida para o Caribe nunca foram influenciadas por qualquer tipo de coação por parte de Nyerere, ou outra força nacionalista em Tanzânia. Pelo contrário, ele foi persuadido a ficar em Dar es Salaam. Ele chegou a ser prevenido sobre o perigo iminente que ele estava sujeito em Guiana. Não obstante, Walter era firme nas razões e causas que o compeliavam a querer se conectar e contribuir para a melhoria do sofrimento do seu povo na Guiana. Ele acreditava firmemente que tinha de retornar para o povo que o conhecia e a quem ele conhecia.

Mesmo quando ele retornou à África para participar das celebrações de independência do Zimbábue (1980), meses antes do atentado que o vitimou, ele foi alertado sobre os perigos que o rondavam na sua terra natal. Ele estava sendo processado em Guiana, mas ele afirmava que não podia simplesmente abandonar a luta do seu povo. Ele estava ciente que tinha o dever de retornar.

A contribuição de Walter Rodney para a academia leste africana foi significativa. Foi um dos precursores na luta contra a compartimentalização do conhecimento acadêmico. Defendia que a construção do conhecimento deveria ser holística quer alguém estivesse estudando ciência, direito ou política, o conhecimento deveria ser integrado. Ao mesmo tempo, impelia seus camaradas para uma consciência ideológica e política. Afirmava que os estudantes tinham “o dever de se armar ideologicamente”. Sempre esteve à frente na criação de debates, cursos, eventos acadêmicos dos mais variados. Grandes líderes do panafricanismo atendiam ao seu

chamado e participavam dos debates. Desde Eduardo Mondlane, Gora Ibrahim, Angela Davis, Stokely Carmichael, C. L. R James, Cheddi Jagan, Oginga Odinga e outros viajaram à Tanzânia para participar dos cursos e debates que ele realizava.

Não há dúvidas que, para seus contemporâneos e gerações vindouras, Rodney foi uma instituição, afirma Dr. Shivji. Ele sempre procurou resolver as suas diferenças com quem fosse. A interrupção da sua vida deixou uma grande sombra na esquerda africana. Não obstante, em Guiana ele conseguiu construir um movimento de massas que foi pioneiro na história daquele país e da América Latina. Ele conseguiu fazer com que as parcelas da juventude indiana e afrodescendente da Guiana se identificassem na mesma luta e com os mesmos interesses políticos. Aquilo foi um feito, uma grande conquista.

Alguns meses após seu assassinato em junho de 1980, a obra *A History of the Guyanese Working People, 1881-1905* foi concluído com a colaboração de George Lamming e publicada em 1981. Esta, que foi a sua primeira obra póstuma, oferece uma rica contribuição para a historiografia da sociedade guianense do século XIX. Através de uma análise crítica compreensiva, o autor demonstra como a história das imigrações africana e asiática para Guiana, pode ser apreendida através das interações dos grupos étnicos sob o impacto do colonialismo britânico e dos constrangimentos econômicos e políticos impostos às classes trabalhadoras e à vida social das massas populares.

O autor derrama luz sobre a especificidade das opressões materiais e enfatiza as fragmentações nefastas para as classes populares de acordo com categorizações impostas a partir de fora que delineiam os abismos éticos, políticos e sociais encorajadas pelas caóticas heranças da escravidão, do período das migrações pós abolição e pelas distinções “legais” impostas por um corpo legislativo à serviço das forças e teorias de dominação.

### **3 Uma Tese de Doutorado Extraordinária: garimpando entre silêncios, silenciamentos e silenciados**

Durante a minha vida acadêmica escutei uma frase que sempre me despertou bastante curiosidade. Em diversas ocasiões escutei que todos os vencedores do Prémio Nobel haviam concluído seus doutoramentos aos 26 anos de idade. Mas, aí conheci a obra e trajetória do historiador e ativista político guianense Walter Anthony Rodney e fiquei fascinado com o seu doutoramento aos 24 anos de idade, na Universidade de Londres, Inglaterra.

*A History of the Upper Guinea Coast, 1545-1800*<sup>4</sup> é um trabalho que aborda uma seção relativamente menor da Costa Oeste africana entre a atual Gâmbia e o Cabo Mount, atual Libéria. Rodney procura reconstruir um retrato daquela sociedade em meados do século XV, quando ainda não tinha sido profundamente influenciada pela presença europeia. O quadro de análise que o autor estabelece proporciona o fundamento indispensável para apreensão do impacto das forças externas sobre aquela região, sob os efeitos da agência europeia, bem como, das influências das forças internas e áreas costeiras adjacentes.

Em 1545, Serra Leoa (a porção sulista da Alta Costa da Guiné) foi sujeita às invasões dos povos africanos conhecidos como “Manes”. Aqui registra-se o ponto de partida do estudo sobre as forças externas (cap. II). As influências africanas, por sua vez, são tratadas mais uma vez no cap. IX. No entanto, é a presença dos portugueses (cap. III) e outros comerciantes europeus que caracterizam o fator externo mais evidente. A associação europeia com a Alta Costa da Guiné baseava-se, maioritariamente, no desenvolvimento do comércio atlântico de pessoas escravizadas. Este derradeiro tópico é abordado nos caps. IV e X, enquanto o Cap. VI lida com os produtos africanos outros que não pessoas escravizadas.

As rivalidades europeias como tais constituem um tema muito reduzido (como tratado no cap. V), na medida em que o objetivo foi retratar a atividade europeia naquela região apenas com relação aos governantes, aos povos e às políticas africanos. Devido às grandes diferenças entre as culturas europeias e africanas, bem como à potência e a brutalidade do tráfico comercial escravista do Atlântico, as relações afro-europeias incorporaram violentas contradições, as quais se resolveram em detrimento da sociedade da Alta Costa da Guiné. Em 1800, a sociedade litorânea foi esmagada tanto a partir da terra como do mar por ambas as forças desencadeadas pelo tráfico de pessoas escravizadas através do Atlântico.

Quem porventura se dispuser a ler a tese de Rodney, deve assim fazê-lo tendo em mente a trilogia do silêncio e, igualmente, a noção das atmosferas do silêncio apresentadas no início deste ensaio. O meu argumento atenta-se ao prefácio escrito pelo próprio na versão original da tese em 1966 e, posteriormente, editado no livro homônimo publicado em 1970. Nele, Rodney alerta o leitor sobre as estratégias de silenciamento ou de apagamento protagonizados, mesmo antes das narrativas produzidas sobre aquela sociedade, a partir da partilha imposta pelos ingleses, franceses e portugueses sob as lentes dos próprios interesses permeados pelas estratégias de dominação.

<sup>4</sup> Os três parágrafos a seguir são uma tradução livre do Abstract original que integra as páginas 2 e 3 do manuscrito datilografado originalmente pelo próprio Walter Rodney (disponível em [HTTPS://EPRINTS.SOAS.AC.UK/31255/1/RODNEY\\_HISTORY\\_UPPER\\_GUINEA\\_COAST.PDF](https://eprints.soas.ac.uk/31255/1/RODNEY_HISTORY_UPPER_GUINEA_COAST.PDF)) acesso em: 04/12/2022.

Logo no primeiro parágrafo do prefácio, ele admite uma lógica subjacente que suporta o tratamento unitário que se projeta sobre a região identificada como “Alta Costa da Guiné”, subsequente à colonização no século XIX. Não obstante, alerta-nos que a projeção de fronteiras coloniais nos períodos pré-coloniais carece de toda a justificativa. Pois, o mesmo esclarece que o estudo é concernente à uma região que parece ser, geográfica e etnicamente, uma entidade singular, e que, além disso, era assim considerada pelos europeus que ali comercializavam no período em discussão. Ou seja, é explícita a intenção destes em homogeneizar uma região altamente densa e diversa em uma unidade de interesse. Nomeadamente, através do apagamento das diferenciações significativas que distinguiram aqueles grupos e povos, suas culturas, formas políticas e seus costumes.

Reconheço no jovem Rodney um *garimpeiro de silêncios, silenciamentos e silenciados*. Tarefa que ele realiza com sublime maestria no envolvimento da sua obra. É neste contexto que ele nos alerta sobre a limitação quantitativa em natureza de material histórico sobre a Alta Costa da Guiné. E segue enumerando os escassos trabalhos encontrados sobre a região proposta, a exemplo de Peter Kup sobre a Serra Leoa, André Arcin sobre a Guiné, A. Teixeira Mota sobre a Guiné Portuguesa e o interessante volume de J. M. Gray sobre a região do Gâmbia, no qual o autor dedicou apenas dez páginas sobre a atividade dos portugueses na região em todo o volume contendo 497 páginas.

Rodney reconhece que, em quase toda África, os colonizadores nunca demonstraram vontade e curiosidade de estudar profundamente suas sociedades. Contudo, confessa ser impactado por tamanha pobreza de narrativas e análises históricas sobre a região da Alta Costa da Guiné, na medida em que o contato da região com os europeus foi longo e ininterrupto – desde meados do século XV. E, seria, entretanto, esperado que os registros de todos aqueles séculos tivessem sobrevivido em quantidades consideráveis, mais provavelmente do que qualquer outra seção do litoral da África Ocidental.

A confirmação, portanto, de que as provas puramente documentais estavam disponíveis e inexploradas, o levou a entender não haver necessidade de confraternizar com o Carbono 14 ou gravadores; e embora cada oportunidade tenha sido aproveitada para utilizar os conhecimentos da arqueologia, etnografia e afins, onde estes se verificaram, ele corroborou ser verdade que o respectivo estudo foi realizado de forma extremamente ortodoxa na sua metodologia. No meu entender, a condição pristina em que ele encontrou a maioria dos arquivos documentais possibilitou a ele o trabalho de garimpar e compreender as razões e ausências que justificavam a produção de tais silêncios, silenciamentos e silenciados sobre a história da referida região. Assim, permitindo-o navegar com confiança na palavra escrita europeia, a qual por si só, não se apresentava inconsistente com a aspiração à “nova ortodoxia” da história africana, a saber, a

escrita da história da África enquanto tal, e não como um apêndice de qualquer outra coisa.

Não obstante, Rodney não nega as limitações impostas pela natureza das fontes europeias. Ao citar Christopher Fyfe, na sua ilustração *The Sierra Leone Inheritance* através de documentos selecionados, admite que ele argumenta acertadamente: “uma barreira é erigida entre nós e a Serra Leoa pré-europeia. Podemos apenas vislumbrar através de um olhar europeu, e é preciso inferir – não aprender diretamente das fontes africanas não mediadas – como os seus povos viviam” (RODNEY, 1966, p. 5). Contudo, reconhece que o tropeço em determinadas barreiras se revela um perigo ocupacional para aqueles que procuram reconstruir a história não apenas dos povos africanos, mas também de todos os milhões silenciados que trabalharam e pereceram.

É inegável a constatação que uma das motivações de Rodney ter escolhido a África como campo de estudo foram as inquietações que o preveniam de entender as condições em que viviam as massas populares no Caribe. Entretanto, atribui a razões técnicas e de ordem de orientação do Dr. Richard Gray da Escola de Estudos Orientais e Africanos, o fato de ter escolhido especificamente a alta Costa da Guiné. Reconhece, deste modo, que o vasto conhecimento arquivístico do seu tutor foi igualado pelas suas habilidades técnicas como historiador e apenas superado pela sua calorosa dedicação à supervisão da referida tese.

#### **4 A Restauração do Legado Silenciado**

Mais de quatro décadas após o atentado que vitimou o acadêmico e ativista político guianense Dr. Walter Rodney, na sexta feira 13 de junho de 1980, a Assembleia Nacional da Guiana aceitou as evidências apresentadas por uma grande comissão de inquérito sobre o assassinato. Foi apurado que o governo do então primeiro-ministro Forbes Burnham organizou o assassinato, atrocidade que foi perpetrada por um sargento ativo da Força de Defesa da Guiana, Gregory Smith.

As manifestações contra o silêncio ensurdecedor produzido durante décadas por parte do governo guianense nunca cessaram. Uma das vozes mais ativas e incansáveis tem sido a da ativista Angela Davis, filósofa socialista estadunidense, que alcançou notoriedade na década de 1970, através do seu protagonismo no partido revolucionário *Panteras Negras*. Em várias circunstâncias, a filósofa reconhece o grande privilégio de ter conhecido Walter Rodney em vida, quando viajou à África pela primeira vez em 1973. Confidencia que testemunhou, por breve período, a vida revolucionária dos círculos acadêmicos e militantes que emergiam no entorno de Rodney na Tanzânia e, igualmente, o seu ativismo político então junto aos quadros militantes que lutavam contra o colonialismo inglês e português no continente (DAVIS, 2019).

Em junho de 2015, a *BBC Sounds* publicou um podcast no qual a sua viúva, Patricia Rodney, e um ativista da época, Wazir Mohamed, fazem declarações surpreendentes.

Ele tinha voz e a sua integridade, nas quais as pessoas acreditavam e, por isso, ele foi transformado em uma ameaça. Ele era uma pessoa muito simples e comum. Não se parecia com aquilo que os acadêmicos geralmente encarnam. Ele tinha a capacidade de falar com as pessoas de várias origens e classes: conversava com os estudantes, os operários, os camponeses, os trabalhadores dos campos de açúcar... Ele viajava por todo o território de Guiana conversando com a população. E as pessoas queriam escutar sobre esta nova visão para Guiana. Não sei se vocês têm conhecimento das tensões raciais que permeiam Guiana, desde os tempos coloniais, entre as populações de descendência indiana e africana. Africanos foram levados para Guiana como pessoas escravizadas e os indianos foram trazidos como trabalhadores contratados (para o trabalho forçado). O país foi dividido em linhas raciais e havia um partido indiano e um partido africano. Então, sempre havia esta tensão na votação baseada na racialização. O objetivo principal de Rodney era unir as duas 'raças'. Quando ele retornou, se envolveu com a Aliança dos Trabalhadores (*Working People's Alliance - WPA*), tentando formular uma nova abordagem na política em Guiana. Foi um fenômeno, assistir o encontro das massas... Vários membros do WPA foram mortos, outras pessoas foram perseguidas e perderam seus empregos. Várias tentativas de assassinato foram cometidas contra a vida do meu marido. O exército: um veículo permanecia estacionado do outro lado da rua à frente da nossa casa, como uma forma de intimidação. Ele estava continuamente sendo preso e depois era solto" (Transcrição do depoimento de Patricia Rodney ao *BBC SOUNDS*, 2013).

Ainda, de acordo com o depoimento de Patricia, na noite de 13 de junho de 1980, Walter saiu para encontrar um homem que ele acreditava ser um ex-soldado, alguém que supostamente poderia fornecer *walkie talkies* ao WPA e permitir a comunicação entre os membros integrantes do movimento. Mas, na realidade, de acordo com a viúva de Rodney, o homem era um agente do estado. Foi entregue um dispositivo ao Rodney com uma bomba ocultada no seu interior, a qual foi detonada enquanto Rodney estava no interior do seu carro.

Foi como se o meu mundo inteiro implodisse, mas eu sabia que eu era responsável por três crianças e que, eu tinha que garantir a sua segurança. Então pegamos as crianças, eu contei a elas que o pai tinha sido vítima de um grave acidente. A minha filha olhou para mim e disse: - Ele está morto, não está? Eles o mataram! E eu disse: - Sim! Aquilo foi algo muito perspicaz para uma criança de onze anos de idade (Transcrição do depoimento de Patricia Rodney ao *BBC SOUNDS*, 2013).

-----&-----

Ele era uma figura mundial, cujos pés estavam plantados na terra. Ele era um de nós. Que estava entre o povo e era do povo... Walter Rodney foi assassinado devido às ameaças que seus ideais representavam... A urgência era abandonar qualquer coisa que você estivesse fazendo, qualquer coisa que você estivesse comprometido e se jogar no movimento. Eu trabalhava no setor privado, eu tinha um bom futuro no setor privado. E eu decidi que a liberdade do meu país era mais importante do que meu o meu emprego... Minha família convidou Walter Rodney para visitar a nossa aldeia e, basicamente, queriam escutar dele, exatamente, quais as suas visões sobre o futuro da nação. E eu pude testemunhar a gravitação à volta da sua pessoa como um ser humano, por parte da minha família. Aonde fosse que ele fosse, aquilo era o tipo de Encontro: aquela era a Experiência... Passávamos muito tempo escutando as canções de Bob Marley: Reggae. Veja, era um período de esperança e havia um sentimento no ar em Guiana, de que o tempo guianense estava chegando. Isto era uma ameaça para os centros de poder do país, que incluíam o governo de Burnham. Porque, como Walter Rodney afirmava, com clareza: - quando os africanos e leste indianos se unirem, os centros de poder tremerão. O estado começou a agir contra o movimento... O povo se enfureceu. No dia do funeral, mais de trinta mil pessoas apareceram para marchar juntas ao corpo de Walter Rodney. A partir do meu esconderijo, eu observava. Eu podia ver a minha mãe no meio daquela multidão. Aquela imagem pode transmitir à sua audiência um sentido: a razão pela qual o povo de Guiana e a minha mãe, sendo uma indiana do Leste, abraçavam um líder afro-guianense. Aquela imagem demonstra o poder de Walter Rodney, o poder de um movimento multirracial (Transcrição do depoimento de Wazir Mohamed ao *BBC SOUNDS*, 2013).

Quando estes depoimentos foram prestados, aguardava-se uma decisão que foi publicada em 2016, quando foi apurado que Rodney “só poderia ter sido morto no que descobrimos ser um assassinato organizado pelo Estado com o conhecimento do Primeiro-Ministro Burnham”. Além disso, a Comissão determinou “que Gregory Smith foi responsável pela morte do Dr. Walter Rodney em 13 de Junho de 1980 e que, ao fazê-lo, estava a agir como agente do Estado tendo sido ajudado e incitado a fazê-lo”.

Em 9 de agosto de 2021, finalmente a Assembleia votou adotar a *Resolução n.º 23 de 2021*. Neste contexto, a resolução da Assembleia Nacional corroborou a decisão do presidente da Guiana, Mohamed Irfaan Ali, de conceder um pedido da família de Walter Rodney e dos seus apoiantes globais no sentido de “corrigir o registro público” relativamente à sua morte e de encontrar formas de “honrar formalmente” a sua “vida, legado e contribuição” para a Guiana. Embora o caso ainda não esteja totalmente encerrado, o governo já restaurou o nome Walter Rodney no Arquivo Nacional da Guiana. Os itens em curso incluem a mudança da caracterização da certidão de óbito de Rodney de desgraça para assassinato e a transformação do *Rodney Gravesite* e *Memorial* em Monumentos Nacionais. Além disso, a Cátedra Walter Rodney será restabelecida e financiada pela Universidade da Guiana (NSARCHIVE.GWU.EDU).

## Considerações finais

Neste ensaio, propus abordar a conturbada e brilhante trajetória do proeminente acadêmico e ativista político da América do Sul, Dr. Walter Rodney, cuja vida foi ceifada na flor da idade, com apenas 38 anos de idade. O reconhecimento da sua intelectualidade e ativismo em vida quebrou barreiras internacionais e promoveu publicações de extrema importância para os movimentos sociais, lutas político-revolucionárias e direitos humanos que permeiam a história dos continentes africano e americanos, incluindo a região do Caribe.

Durante as quatro décadas que se seguiram ao atentado que resultou no assassinato de Rodney, os defensores do seu legado têm lutado incansavelmente para a restauração da sua memória e para o reconhecimento da sua contribuição. A luta tem sido intensa e resiliente contra a trilogia dos silêncios, através da teorização dos silenciamentos e das incansáveis navegações pelas atmosferas tóxicas da branquitude, no intuito de desconstruir os disfarces e as máscaras ostentados nos labirintos dos edifícios epistemológicos das sociedades ocidentais contemporâneas.

Foi constatado de forma irônica como um garimpeiro de silenciamentos e silenciados tem sido vítima das estratégias de invisibilização e dominação que insistem em celebrar as ausências e ocultar a contemporaneidade das significativas lutas revolucionárias lideradas por Rodney seja pela sua inteligência aguçada ou pelo magnetismo exercido na união multirracial das massas populares.

## Referências

CURRY, Mary E. A Brief Biography of Walter Rodney. *National Security Archive*. Disponível em: <https://nsarchive.gwu.edu/brief-biography-walter-rodney>

DAVIS, Angela Y. Walter Rodney's legacy: by Angela Davis. *Verso*, 24 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/4127-walter-rodney-s-legacy-by-angela-davis>

GOWLAND, Ben. Britain and the repression of Black Power in the 1960s and '70s. *Race & Class-SAGE*. Institute of Race Relations, v. 64, n. 2, p. 20–37, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/03063968221115336>.

LOPES, Alcides J. D. *Sobre Adriças e Cabrestos: o Kola San Jon de Cova da Moura e as formas resilientes da tradição africana na diáspora africana em Lisboa-Portugal*. Recife: Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

LOPES, Alcides J. D. O crioulo de Cabo Verde e a música popular: processos semióticos na construção e preservação da identidade social em dimensões transnacionais globalizantes. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, v. 3, p. 272-287, 2016.

MITCHELL, J. Clyde. Typicality and the case study. In: R. Ellen (ed.), *Ethnographic research: A guide to general conduct*. New York: Academic Press, 1984. p. 238-241.

MOHAMED, Wazir. Witness History: The Death of Walter Rodney. *BBC Sounds*, 11 Jun. 2015. Entrevista disponível em: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/p02swbbj>

POWER-CARTER, Stephanie. Re-teorizando o(s) silêncio(s). *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 99-128, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/pN4BvLzCDNjhCpWqBFx39cb/?lang=en>

RESOLUÇÃO nº 23 de 2021: The Walter Rodney Murder Mystery in Guyana 40 Years Later: Major Commission of Inquiry into the Assassination of Dr. Walter Rodney. *National Security Archive: 35+ years of freedom of Information*. Disponível em: <https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/human-rights/2020-06-13/the-walter-rodney-murder-mystery-in-guyana-40-years-later>

RODNEY, Walter. *A History of the Upper Guinea Coast 1545 to 1800*. Monthly Review Press Classics: New York, 1970.

RODNEY, Walter. *A History of the Upper Guinea Coast 1545 to 1800*. Thesis presented for the Degree of Doctor of Philosophy at the University of London. Library of London University, May 1966. Disponível em: [https://eprints.soas.ac.uk/31255/1/Rodney\\_History\\_Upper\\_Guinea\\_Coast.pdf](https://eprints.soas.ac.uk/31255/1/Rodney_History_Upper_Guinea_Coast.pdf)

RODNEY, Walter. *The Groundings with My Brothers*. London: Bogle-L'Ouverture Publications, 1969.

RODNEY, Walter. *How Europe Underdeveloped Africa*. London: Bogle-L'Ouverture Publications, 1972 and London: Verso Press, 2018.

RODNEY, Patricia. Witness History: The Death of Walter Rodney. *BBC Sounds*. 11 Jun. 2015. Entrevista disponível em: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/p02swbbj>

SHIVJI, Issa. Walter Rodney in Tanzania: A tribute. *Pambazuka News: Voices for Freedom and Justice*. Disponível em: <https://www.pambazuka.org/governance/walter-rodney-tanzania-tribute>

TLOSTANOVA, Madina V; MIGNOLO, Walter D. On Pluritopic Hermeneutics. *Encounters*, v. 1. n. 1, Fall 2009.

## Sobre o autor

### **Alcides José Delgado Lopes**

Alcides J. D. Lopes aka Tchida Afrikanu é doutor em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Alcides é professor adjunto de Antropologia/Cultura pela Universidade Federal do Vale do São Francisco e faz investigação em Antropologia Cultural. Atualmente também é investigador associado ao Laboratório de Estudos Avançados, Observamus, NEPE, ao Núcleo de Antropologia e Realidades (UFPE/Brasil) e à British Academy.

